

# O contato linguístico hispânico-português na Península Ibérica: Uma análise diacrônica dos traços fonético-fonológicos e morfossintáticos do barranquenho

*The Hispanic-Portuguese Linguistic Contact in the Iberian Peninsula: A Diachronic Analysis of the Phonetic-Phonological and Morphosyntactic Traits of Barranquenho*

**Heloísa Pellenz Schneider**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(UFRGS) | Porto Alegre | RS | BR  
helo.ps98@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-8016-2998>

**Resumo:** O contato linguístico hispânico-português existente na Península Ibérica, há séculos, favoreceu o surgimento de um novo sistema linguístico: o barranquenho. Esta variedade, constituída no espaço fronteiro entre Portugal e a Espanha, desenvolveu-se no limiar das peculiaridades do contexto histórico-geográfico de Barrancos – uma vila situada no distrito Alentejano de Beja, em Portugal. O presente artigo tem por objetivo geral traçar uma análise diacrônica dos traços fonético-fonológicos e morfossintáticos do barranquenho, desvelando, especificamente, que aspectos das línguas portuguesa e espanhola foram assimilados por essa língua mista. Além disso, visa a expor, também, os novos usos de formas linguísticas corporificados, de forma original, na estrutura da variedade em enfoque. A proposição dessa análise, de natureza teórico-descritiva, calcada na literatura especializada sobre o barranquenho, fundamenta-se, sobretudo, na obra de Vasconcelos (1955), bem como nos estudos de Navas Sánchez-Élez (1992, 2011). A investigação dos traços dessa língua aponta que, apesar de Barrancos pertencer a Portugal, a influência espanhola sobre a variedade mista persiste, sendo esta notável, especialmente, no domínio morfossintático. Outrossim, o barranquenho comporta uma variação interna, abrangendo inúmeros aspectos que coexistem nas variedades meridionais do português e do castelhano estremenho/andaluz. Trata-se de uma língua minoritária que se encontra em vias de desaparecer frente ao prestígio do português – idioma oficial e majoritário de Portugal. Políticas



linguísticas recentes têm se dedicado a desenvolver estratégias para a salvaguarda do barranquenho, dado que, em âmbito local, ele é constitutivo dos prismas identitários de seus falantes e, em âmbito global, seu possível desaparecimento configura uma grande perda para o panorama linguístico românico.

**Palavras-chave:** Península Ibérica; fonologia; morfosintaxe; barranquenho.

**Abstract:** The Hispanic-Portuguese linguistic contact that has existed for centuries in the Iberian Peninsula has favored the emergence of a new linguistic system: a variety known as Barranquenho. This variety, formed in the border region between Portugal and Spain, was developed in the historical and geographical peculiarities of Barrancos – a village situated in the Alentejo district of Beja, Portugal. The main objective of this article is to present a diachronic analysis of the phonetic-phonological and morphosyntactic traits of Barranquenho, specifically unveiling which aspects of the Portuguese and Spanish languages were assimilated by this mixed language. Furthermore, it also aims to highlight the new uses of some linguistic forms that have been originally embodied in the structure of this language. This analysis has a theoretical-descriptive bias, based on specialized literature about Barranquenho, and is grounded primarily in the work of Vasconcelos (1955), as well as in the studies of Navas Sánchez-Élez (1992, 2011). The investigation of this language's traits indicates that, although Barrancos belongs to Portugal, Spanish influence on this mixed language persists, being particularly notable in the morphosyntactic domain. Moreover, Barranquenho displays internal variation, encompassing numerous aspects that coexist within the southern varieties of Portuguese and of Extremaduran/Andalusian Spanish. It is a minority variety that is currently at risk of disappearing due to the prestige of Portuguese – Portugal's official and dominant language. Recent language policies have sought to develop strategies for its preservation, since, at the local level, Barranquenho constitutes a crucial part of its speakers' identity, and, at the global level, its potential disappearance would represent a significant loss for the Romance linguistic landscape.

**Keywords:** Iberian Peninsula; phonology; morphosyntax; Barranquenho.

# 1 Introdução

As nações, em nível macroespacial, são pautadas por uma diversidade linguístico-cultural que culmina em cenários de contato entre os diferentes códigos linguísticos coexistentes em tais espaços. A adjacência entre duas ou mais línguas se faz presente, sob essa perspectiva, no contexto da Península Ibérica, uma formação territorial que se localiza no sudoeste da Europa, comportando, em sua maior parte, os países da Espanha e de Portugal. Nesse entre-mio fronteiriço, o prolongado contato hispânico-português ao longo dos séculos propiciou a formação de um novo sistema linguístico: o barranquenho.

Vasconcelos (1955), linguista pioneiro a estudar o barranquenho, define-o como um dialeto<sup>1</sup> popular usado no concelho de Barrancos – “uma vila portuguesa raiana no distrito de Beja, região Alentejo e sub-região do Baixo Alentejo” (Barrancos, 2025). No que toca às caracterizações desse sistema e, tal como observável na definição do estudioso, Navas Sánchez-Élez e Gonçalves (2020, p. 182) apontam que, por muito tempo, a literatura caracterizou o barranquenho como “dialeto”, “falar fronteiriço” ou “variedade raiana”, particularmente em virtude de sua condição essencialmente oralizada. Perpassando, especialmente, a acepção dialetal,<sup>2</sup> pontua-se que o presente artigo se alinha ao entendimento de Navas Sánchez-Élez (1992, 2011, 2017), Clements (2009), Navas Sánchez-Élez e Gonçalves (2018, 2020) e Gonçalves (2021), considerando a variedade barranquenha como uma *língua mista*, uma vez que, tendo provindo do intercâmbio entre duas línguas românicas, apresenta um caráter de hibridismo linguístico.

Para Gonçalves (2021, p. 193), o barranquenho se trata de “uma realidade linguística com características próprias, fruto do contato multissecular entre as variedades meridionais do português e do espanhol, numa geografia e em condições demográficas e sociais particulares”. À luz desse pressuposto, nota-se que as influências hispânico-portuguesas sobre a variedade de Barrancos, ao não se desvelarem pontuais, resultaram em um produto linguístico que o particulariza como um sistema autônomo. Nessa mesma direção, Navas Sánchez-Élez (2011, 2017) destaca que a língua barranquenha detém uma estabilidade passível de ser analisada como um terceiro sistema linguístico, dado que apresenta uma complexidade situacional, sobretudo decorrente de sua variação linguística interna. Quanto a esse aspecto, os pressupostos sociolinguísticos declaram o fato de a variação ser intrínseca a toda e qualquer língua natural, dado que elas não são estruturas prontas e acabadas, mas, sim, sistemas heterogêneos organizados que variam mediante condicionadores linguísticos e extralinguísticos (Coelho *et al.*, 2015).

---

<sup>1</sup> Torna-se válido pontuar que o estatuto de dialeto conferido ao barranquenho, por Vasconcelos (1955), se deu, tal como mencionado por Gonçalves (2021), em uma época em que qualquer variedade diatópica ou de outra natureza era classificada como dialetal. Devido a isso, essa definição se fundamenta em uma concepção de língua ainda vigente nos primórdios do século XX, a qual vem sendo reconfigurada, desde a última metade do referido século, pelos pressupostos da sociolinguística.

<sup>2</sup> Alguns estudiosos, como Ferreira (1999 *apud* Franco, 2005, p. 63), invalidam o barranquenho como língua, em virtude de alegar que, por ele se valer da ortografia da língua portuguesa para sua representação escrita e, por conseguinte, por não deter uma convenção gráfica, deve ser tomado necessariamente como dialeto – o que, sob esse argumento, não o legitima como um sistema linguístico próprio.

Portanto, conjectura-se que, apesar do enraizamento nos traços do espanhol e do português, não se faz coerente reduzir o barranquenho às chamadas *interferências* (Weinreich, 1953) dos dois sistemas sobre ele, ignorando toda sua dinâmica de constituição linguística, histórica, política e cultural. A variedade<sup>3</sup> barranquenha, segundo Golovko (2003), funciona, para os seus falantes, como uma língua materna que fixa a identidade local de Barrancos. Para o estudioso, essa circunstância se sucede por efeito das características linguísticas estruturais do barranquenho, bem como do contexto sociolinguístico de sua comunidade, cuja gênese é atravessada por um bilinguismo histórico, isto é, por um cenário pautado pela presença de duas línguas ao longo do tempo. Verifica-se, diante do exposto, que utilizar a variedade mista na região fronteira ibérica denota os prismas identitários da rede comunitária barranquenha. A população do local, conforme manifestado por Navas Sánchez-Élez e Gonçalves (2020), sente-se diferente de seus vizinhos espanhóis e portugueses, pairando uma conscientização quanto ao fato de sua variedade destoar das línguas do entorno – sendo essa peculiaridade reconhecida, de igual modo, pelos sujeitos exógenos à localidade de Barrancos.

Banza (2024, p. 22) assinala que a principal marca barranquenha é “[...] um forte hibridismo – nos domínios lexical, fonético e fonológico e morfossintático – a par de aspetos inovadores”. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo apresentar as especificidades dessa língua mista no tocante à influência linguística hispânico-portuguesa sobre sua estrutura, dando enfoque aos domínios fonético-fonológico e morfossintático. Desse modo, será exposta uma análise diacrônica da língua, de viés teórico-descritivo, baseada na literatura que trata dessa variedade linguística, buscando-se desvelar os traços de cada uma das duas línguas românicas que foram assimilados pelo barranquenho e que, destarte, são constitutivos de sua matriz linguística. Ademais, para além dessa “mistura” de elementos composicionais heterogêneos, a língua barranquenha, ao longo dos séculos, adquiriu também características próprias, cujas particularidades linguísticas elucidam um viés de originalidade.

No que toca à organização estrutural do artigo, o trabalho divide-se em diferentes seções. A seção subsequente a esta trata do contexto do barranquenho, expondo aspectos relevantes de sua constituição linguística no tempo e no espaço, de modo a apresentar fatos relativos à sua conjuntura histórico-geográfica. Além disso, aborda, também, questões relacionadas à atual situação político-social da variedade linguística em análise. Em seguida, a terceira seção, que constitui o enfoque do trabalho, se concentra na investigação das influências hispânico-portuguesas sobre os âmbitos fonético-fonológico e morfossintático da língua mista, de modo examinar diacronicamente os traços caracterizadores desse sistema linguístico. Ademais, abrange, de igual modo, uma breve apresentação dos aspectos linguísticos originais do falar de Barrancos, os quais contribuem para firmá-lo como uma língua autônoma. Por fim, as considerações finais retomam os principais pontos abordados ao longo do trabalho, elucidando a riqueza do barranquenho no panorama das línguas românicas.

---

<sup>3</sup> O termo variedade (linguística), bem como o termo falar, serão empregados neste trabalho sob a definição de uma fala característica de determinado grupo social ou comunidade de fala (Coelho *et al.*, 2015).

## 2 O contexto do barranquenho: delineando as nuances geográficas, históricas e políticas de sua constituição linguística

O barranquenho apresenta-se como uma variedade linguística que permeia há séculos o cenário da Península Ibérica, este atravessado pelo contato linguístico hispânico-português. O falar provindo dessa inter-relação entre Portugal e Espanha teve sua gênese condicionada, sobretudo, por questões geográficas e históricas inerentes à área territorial de Barrancos. Essa vila comporta a sede municipal, de igual nome, apresentando 1.435 habitantes, segundo o Censo de 2021 (Barrancos, 2025) e, portanto, estabelecendo-se como o município de menor população localizado em Portugal Continental.

Segundo Vasconcelos,

Barrancos, no Alentejo Baixo, está posto em sítio montuoso, e de constituição xistenta, a 300 ou 400 metros de distância da raia, tomada em linha reta; e o seu território, ou concelho de Barrancos, penetra na Espanha, como uma cunha, que fica pois delimitada por território espanhol ao Norte, Nascente e Sul, e tem de superfície 189,50 quilómetros quadrados (*Censo das povoações*, de 1911, p. 6). Do que resultam, naquele ponto, especiais relações sociais entre as duas nações vizinhas, e acção recíproca, maior, já se vê, da de lá na de cá, do que ao invés, atenta a pequenez e insulamento do nosso rincão (Vasconcelos, 1955, p. 3).

No mapa que contempla a área da “A Raia”<sup>4</sup> (Figura 1), nota-se, tal como proposto por Vasconcelos (1955), que Barrancos adentra a Espanha, a leste, em virtude dos aspectos geográficos do distrito alentejano de Beja. Tal distrito se localiza no topo de uma elevação montanhosa, cuja região é caracteristicamente pautada por ribanceiras e depressões, isto é, por *barrancos*. Para além dessa condição topográfica montanhosa que, inclusive, nomeou o topônimo “Barrancos”, a geografia do local o torna isolado espacialmente das demais vilas. À vista disso, conforme Banza (2024), a localidade mais próxima ao município barranquenho trata-se de uma zona espanhola (Encinasola), situada a 9 km de distância do local, ao passo que a povoação portuguesa de maior proximidade (Santo Aleixo da Restauração) se localiza a cerca de 20 km de Barrancos. Segundo informações expostas no site autárquico de Barrancos, a sede de Distrito (Beja) encontra-se a 110 km – assim como dista a cidade de Évora –, estando a capital de Portugal (Lisboa) situada a 250 km de distância da vila (Barrancos, 2008).

---

<sup>4</sup> “A Raia” refere-se à região da fronteira entre Espanha e Portugal, consolidando-se como um espaço geográfico que comporta tanto o lado político espanhol quanto o português e, no qual, língua, cultura e história se entrecruzam.

Figura 1 – A região raiana na fronteira entre Portugal e Espanha



Fonte: Clements (2009, p. 191).

Nessa perspectiva, conjectura-se que o isolamento geográfico da região favoreceu a manutenção das formas linguísticas em uso nesse espaço, uma vez que o afastamento dos demais centros comunitários inviabilizou, em partes, a influência dos modos de dizer, exógenos à vila, sobre o falar barranquenho. É essa posição periférica de Barrancos, na fronteira entre Portugal e Espanha, que o delinea como o ponto de encontro entre elementos linguísticos, sociais e culturais díspares, o que propiciou a formação de uma comunidade mista da qual proveio o surgimento do hibridismo linguístico da variedade em enfoque.

No tocante aos condicionadores históricos, estes de igual modo contribuíram para as peculiaridades linguísticas da língua barranquenha. Segundo Clements (2009), a história de Barrancos teve sua gênese na Idade Média, quando, no século XIII, subsistia como uma aldeia pertencente à vila de Noudar – na época, local detentor de um castelo, o Castelo de Noudar, figurando como a sede municipal. Banza (2024) aponta que, desde a origem, os assentamentos antigos em torno dessa construção medieval eram ocupados por grupos estremenhos ou andaluzes, tendo sido, desde sempre, abundante a presença de espanhóis nesse espaço. Tal fator contribuiu demasiadamente para a influência linguística castelhana na constituição do barranquenho, bem como sobre as “múltiplas vertentes da cultura de Barrancos” (Barrancos, 2008, p. 11).

Ao longo do tempo, Barrancos foi marcado por uma indefinição no tocante à posse de seu território, consolidando-se como um espaço reivindicado politicamente tanto por Portugal quanto pela Espanha. Essa alternância entre o domínio português e castelhano inseriu a localidade barranquenha em uma interface pautada pela não fixação de uma

gestão administrativa, de modo que esse conflito de interesses tenha durado séculos. Em decorrência desse fato, após inúmeros conflitos históricos, entre mouros e cristãos, entre os reinados castelhano e português, Clements (2009) menciona que o Castelo de Noudar<sup>5</sup> foi formalmente integrado ao reino de Portugal, em 1715. Contudo, esse fato não culminou em um cenário de pacifismo: o litígio continuou a perdurar, de maneira que as disputas em prol da reivindicação do território barranquenho tenham se seguido por mais dois séculos.

Nesse contexto, a aldeia de Barrancos foi, gradualmente, ganhando importância administrativa em relação à vila de Noudar, à qual pertencia. Devido a isso, entre os anos de 1774 e 1835, o município passou a ser designado Noudar e Barrancos. Nesse mesmo período secular, em 1836, houve a elevação de Barrancos à categoria de vila, de modo que o local tenha se firmado como a sede municipal e, assim, sido nomeado somente *Barrancos* (sem a menção a Noudar) (Barrancos, 2008, p. 3).

Segundo Banza (2024), a posse definitiva da coroa portuguesa se deu em 1894, de modo que, no referido ano, tenha se findado, de fato, essa disputa territorial que durou mais de 800 anos. Para a estudiosa, ainda que Barrancos, desde então, tenha passado a ser parte integrante de Portugal, as relações com o lado espanhol permanecem existindo. Sendo assim, paira uma inter-relação entre a vila portuguesa, e a Estremadura e a Andaluzia, sendo frequentes, entre tais nações vizinhas, a estipulação de intercâmbios comerciais e familiares (Navas Sánchez-Élez, 2011).

Nota-se, nessa direção, que se perpassa a fronteira política que demarca o limite topográfico entre as soberanias portuguesa e espanhola. A fronteira, nesse caso, não baliza, mas unifica, propiciando trocas linguísticas, culturais e sociais entre ambos os países. É essa ruptura no engessamento das marcas limítrofes entre os governos luso-hispânicos que tem desenhado a atual situação de Barrancos. Preserva-se, nesse espaço, um encontro de línguas, de culturas e de povos, de modo que se tenha, desde os primórdios da formação da vila, uma identidade local atravessada pela fusão de elementos heterogêneos.

O prisma histórico, indissociável do geográfico, ao propiciar o contato multissecular entre os portugueses e os espanhóis, estabeleceu uma população mista, também linguisticamente: o barranquenho “constitui o terceiro polo do ‘triângulo linguístico’ observável em Barrancos” (Banza, 2024, p. 21). Sob essa mesma premissa, Gonçalves (2021, p. 194) menciona estarem presentes, nessa vila, três variedades linguísticas: o barranquenho, a língua familiar e comunitária, agregadora da identidade local; o português, a língua oficial, da escolarização e do prestígio social; e o espanhol, na condição de língua vizinha, também enraizada em Barrancos, devido, sobretudo, às relações familiares e laborais.

No que se refere ao cenário político-social do barranquenho, tem-se o fato de que ele está imerso em uma interface recente de reconhecimento de sua existência, tendo sido situado no panorama linguístico peninsular desde a primeira década do século XXI. É contemporâneo, desse modo, o debate que concerne à efetivação de políticas linguísticas que visam a salvaguardar essa língua, sendo três as maiores ações realizadas, até então, de fomento ao seu reconhecimento: (a) junho de 2008: decreto de classificação como Patrimônio Cultural Imaterial de Interesse Municipal (Barrancos, 2008); (b) junho de 2017: realização de Congresso Internacional para promoção do barranquenho (Navas Sánchez-Élez e Gonçalves, 2020); (c) dezembro de 2021: promulgação da Lei nº 97/2021, de reconhecimento e proteção do barranquenho e da sua identidade cultural (Portugal, 2021).

---

<sup>5</sup> O Castelo de Noudar e Barrancos foi assim denominado em virtude

Tais ações, de cunho político, coniventes à manutenção da língua barranquenha, apresentam-se basilares, dada sua conjuntura de perda linguística incipiente. Para Navas Sánchez-Élez e Gonçalves (2020, p. 179), essa variedade “[...] deveria ser tratada como uma língua de contato, minoritária, ameaçada e em perigo de extinção”. Esse cenário, atravessado por uma ótica pouco positiva em relação à vitalidade do barranquenho, advém do fato de atualmente ele ser falado por menos de 2.000 indivíduos, estando em vias de desaparecer, sobretudo por efeito da pressão demográfica e do envelhecimento da população de Barrancos (Navas Sánchez-Élez, Gonçalves e Themudo Barata, 2021, p. 341).

Diante desse cenário, Navas Sánchez-Élez e Gonçalves (2020), destacam ser fundamental o desenvolvimento de uma “normalização” ou “standardização” (Metzeltin, 2005), estas relacionadas à criação de uma convenção ortográfica para esse sistema linguístico. As estudiosas elucidam que é essa documentação do barranquenho o caminho para sua não substituição/assimilação total pelo português-padrão, enquanto variedade de prestígio que domina as instâncias da sociedade portuguesa à qual pertence Barrancos. O favorecimento de um código gráfico contribuirá para a tomada dessa variedade sob o estatuto de língua – até mesmo para os seus próprios falantes – além de oportunizar a valorização dos elementos linguísticos, culturais e identitários que permeiam as interações comunicativas na variedade mista em enfoque.

### **3 A diacronia do barranquenho: uma análise teórico-descritiva de seus traços fonético-fonológicos e morfossintáticos**

O desenvolvimento de uma análise diacrônica do barranquenho elucidada o quanto essa língua se constituiu na interface do português centro-meridional e do castelhano meridional estremenho/andaluz (Navas Sánchez-Élez, 2011, 2017). À vista disso, esse falar minoritário<sup>6</sup> se revela como uma variedade de entremeio, de modo que seu quadro evolutivo se assenta em uma espécie de justaposição linguística que comporta uma mistura de constituintes linguísticos hispânico-portugueses. Desse modo, tomar o barranquenho sob análise implica considerar que duas línguas distintas compuseram sua matriz linguística de origem.

Nesta seção, buscar-se-á discorrer acerca do processo de variação diacrônica da língua barranquenha, focalizando a análise dos traços fonético-fonológicos e morfossintáticos desse sistema. Para isso, evidenciar-se-á, dentro de ambos os níveis linguísticos, alguns dos aspectos das línguas espanhola e portuguesa que foram assimilados pelo barranquenho, sendo esses descritos nas primeiras duas subseções. A última subseção, por sua vez, abrange uma breve investigação dos elementos específicos dessa língua minoritária, indicando os componentes inovadores que assinalam sua identidade linguística singular. A proposição desta investigação acerca da variedade em enfoque se baseia, sobretudo, nos estudos de Vasconcelos (1955), de Navas Sánchez-Élez (1992, 2011, 2017), de Clements (2009), de Navas Sánchez-Élez e Gonçalves (2018, 2020), de Gonçalves (2021) e de Banza (2024).

---

<sup>6</sup> Para Altenhofen (2013, p. 94) as línguas minoritárias são uma “modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado de uma língua (majoritária) dominante. O ‘status político’ constitui, nesta definição, o critério central para o conceito de língua minoritária, muito mais do que a ‘representatividade numérica’ ou o ‘status social’ de seus falantes”.

Pontua-se que, dado o caráter abrangente de influência hispânico-portuguesa no barranquenho, houve uma seleção dos traços considerados mais significativos que advieram de tais línguas. Ademais, no que se refere à exposição de exemplos de produções linguísticas em barranquenho, optou-se pela manutenção da transcrição original apresentada nos estudos analisados. Em virtude dessa circunstância, a presente seção comporta diferentes formas de representação das manifestações linguísticas do falar barranquenho, uma vez que, tal como pontuado por Navas Sánchez-Élez e Gonçalves (2018, p. 1432), houve várias tentativas, até o momento, realizadas na maioria das vezes por autores populares nativos, de criar um código para a representação escrita dessa língua – que é predominantemente oral.

### 3.1 A influência linguística do espanhol sobre o barranquenho: domínio fonético-fonológico

Os traços fonético-fonológicos do barranquenho contemplam algumas marcas passíveis de serem atribuídas ao castelhano meridional. No que se refere aos elementos vocálicos, o barranquenho apresenta, por vezes, uma ausência de elevação das vogais átonas, sobretudo no caso do <o>, bem como uma ausência de elevação e centralização, no caso do <a> átono. Dessa forma, tem-se, por exemplo, “[ke te ´pɔdɐ<sup>h</sup> ka´i ´para ´ðɛtru] (que te podes cair para dentro)” e “[´ke βo´nita] (que bonita)” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 52), nos quais não se faz comum a elevação dos sons vocálicos destituídos de acento tônico – circunstância frequente, por outro lado, nas variedades linguísticas portuguesas no que toca a certas vogais.

Em relação ao consonantismo barranquenho, a influência castelhana recai sobre a neutralização fonológica de /b/ e /v/. Quanto a esse aspecto, que diz respeito à realização da oclusiva labiodental /v/ como bilabial [b] ou como fricativa [β], Vasconcelos (1955, p. 12), pontua que “o *v* próprio da linguagem do alentejo foi substituído por *b* em todas as palavras. Por outra, o som *v* não aparece em barranquenho (como não aparece na pronúncia hespanhola) [...]”. O estudioso complementa o dizer, mencionando que, eventualmente, se ouve em barranquenho algumas palavras nas quais se pronuncia a labiodental em detrimento da bilabial, como em “cavêlu” (cabelo), sendo isso fruto de “ignorância ou afectação (ultra-correcção)” (Vasconcelos, 1955, p. 12). Além disso, para o autor, a propagação do *b* no interior do falar de Barrancos não configura um fato inédito, uma vez que nas províncias do entorno da área (Trás-os-Montes, Entre-Douro-e-Minho e Beira), o /v/ não é realizado e/ou é trocado pelo /b/. Clements (2009), no que toca a esse traço fonológico, também sinaliza que a distinção entre /b/ e /v/ não é encontrada em barranquenho, sendo “b” e “v” ortográficos realizados como [b] ou [β].<sup>7</sup> Desse modo, o barranquenho se assemelha às falas andaluzas com relação à realização da bilabial, distanciando-se, nesse aspecto, do português – cuja realização se dá pela forma labiodental /v/. Navas Sánchez-Élez (2011, p. 189) explicita esse fato, apresentando exemplos:

<sup>7</sup> Segundo Navas (2011), as consoantes barranquenhadas, de modo geral, tendem a se realizar de modo menos tenso que no português-padrão, especialmente em posição intervocálica. Desse modo, torna-se possível que as consoantes oclusivas [b], [d], [g], nesse contexto específico, sejam pronunciadas como fricativas [β] [ð] [ɣ]. Consoante a pesquisadora, essa tendência pode apresentar uma afinidade com o castelhano; contudo, ela se faz presente também em alguns dialetos portugueses, de norte a sul, em zonas rurais e urbanas.

Tabela 1 – Realização da fricativa [β] em detrimento da labiodental /v/ no barranquenho

| Variedades Portuguesas | Barranquenho | Variedades Andaluzas |
|------------------------|--------------|----------------------|
| a[v]ó                  | a[β]ó        | a[gw]elo             |
| ar[v]es/ár[v]ores      | ar[β]os      | ár[β]oles            |
| ca[v]alo               | ca[β]alo     | ca[β]allo            |
| dí[v]idas              | dí[β]idas    | deu[d]as             |
| cra[v]o                | cra[β]o      | cla[β]o              |

Fonte: Adaptado de Navas Sánchez-Élez (2011, p. 189).

Outro traço fonológico do barranquenho que adveio do espanhol trata-se da aspiração da sibilante em final de sílaba ou de palavra. As sibilantes em tais posições apresentam variação linguística<sup>8</sup> e, consoante Navas Sánchez-Élez (2011, p. 54), tal como se sucede nas zonas andaluzas, estremenhas e hispano-americanas, elas podem se realizar de modo aspirado, tal como em: “[α´γρα´mehmu] (agora mesmo)” e “[i´fitαz i kojzαh βu´nitα] (e fitas e coisas bonitas)”. Do mesmo modo, Vasconcelos (1955) aponta que o -s e o -z, tanto em final de sílaba quanto de palavra, são substituídos por uma aspiração muito notável, isto é, pelo [h]. Sendo assim, tem-se pronúncias como “[...] *doih* (dois), *duah*, *treh*, *çeih*; *adeuh* (adeus); *doih toiru*, *cahca* (casca) [...]” (Vasconcelos, 1955, p. 13).

Além disso, o estudioso indica que, na linguagem rápida, nem sempre o /s/ e /z/ serão pronunciados de forma aspirada, podendo ocorrer também sua supressão, como em “*fi* (fiz), *pêrdi* (perdiz), *nó* (nós, pronome)” (Vasconcelos, 1955, p. 13). À luz dessa observação, também Navas Sánchez-Élez (1992, 2011) sugere que, em determinadas ocasiões, é possível que as sibilantes não sejam articuladas, inclusive na representação de um morfema de número ou de pessoa. Sendo assim, pode-se ter, em barranquenho, pronúncias como “[pα´γαβαmu] sīku tuftōj] (pagávamos cinco tostões)” e “[ē´tαw´iαmu] (então íamos)” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 55).

Nessa perspectiva, de forma sintética, percebe-se que, no falar de Barrancos, há uma tendência para que as sibilantes ora sejam enfraquecidas – na condição de aspiradas –, ora suprimidas. Desse modo, tomando por base o exemplo de “mesmo”, já exposto anteriormente, tem-se sua realização variável como *me[h]mo* ou *me[∅]mo*. Sob uma perspectiva sociolinguística, a pesquisa desenvolvida por Navas Sánchez-Élez (2017) revelou que os fatores extralinguísticos (o nível de escolaridade e o grau de formalidade da interação) são os maiores condicionadores da variação linguística em questão.

A não articulação das sibilantes se dá em virtude de sua realização de modo relaxado, fato que se sucede, do mesmo modo, com as consoantes líquidas /l/ e /r/. Vasconcelos (1955, p. 12-13), ao tratar da apócope de /l/ e /r/, especialmente no final das palavras, expõe exemplos de vocábulos nos quais ocorre a queda de tais sons: “*Portugá*, *Subrá*, *ané*, *funí*, *Êhturi*, *caracó*, *azú*, *em vez de Portugal*, *Sobral (da Adiça)*, *anel*, *funil*, *Estoril*, *caracol*, *azul*. Do outro lado: *má*, *bê*, *fugí*, *amô*, *Altú*, *em vez de mar*, *ver*, *fugir*, *amor*, *Altur* (Artur)”.

<sup>8</sup> Navas Sánchez-Élez (2011) revela que as sibilantes no barranquenho se articulam, geralmente, como predor-sodontais, se orientando pelo padrão do português central e meridional. No entanto, eventualmente, são passíveis também de se realizar de modo apicoalveolar, conforme a pronúncia dos vizinhos espanhóis.

No caso do //, segundo Banza (2024), a supressão ou o enfraquecimento da lateral realizam-se de forma frequente em coda final – em detrimento de coda interna. Além disso, no que concerne à categoria nominal, a apócope se faz presente sobretudo em substantivos e adjetivos, tais como em moir[a] (moiral) e espanho[ø] (espanhol). Quanto à posição do acento, o site municipal de Barrancos (2025) pontua que a queda de // transcorre nas sílabas tônicas, tal como em [oli´va] (olival), [purtu´ga] (Portugal), [ma] (mal) e [manu´e] (Manuel). Ainda, o site municipal da cidade explicita que, nos casos de realização da lateral velarizada [ʃ], essa pronúncia, ao se dar de forma “fraca”, é favorável à supressão.

Já com relação à supressão de /r/, tal circunstância ocorre em codas silábicas nos finais de palavras.<sup>9</sup> Tem-se, desse modo, em barranquenho, sob influência do espanhol estremenho e do andaluz, realizações como “[αh pə´soα´moxh´βeλα´ε ke´falα mə´λ hpx´ŋ] (as pessoas mais velhas é que falam melhor espanhol)” e “[´nαw´psu dur´mi] (não posso dormir)” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 56). Essa apócope de /r/ predomina, consoante Banza (2024, p. 29), nas formas verbais no infinitivo, como em faze[ø] (fazer), sendo menos frequente nas demais categorias nominais. Outrossim, essa ocorrência é encontrada, de igual modo à queda do //, nas sílabas tônicas finais. Essa tendência vai ao encontro de um padrão de simplificação silábica que ocorre, frequentemente, na oralidade, em situações informais. À luz desse fato, Banza (2024) indica que a supressão das líquidas se apresenta como uma economia linguística, cujo fenômeno se pauta, nesse caso, pela regularização da estrutura das sílabas para um formato que não apresenta uma rima ramificada, isto é, coda silábica.

### 3.2 A influência linguística do espanhol sobre o barranquenho: Domínio morfossintático

Além de atuar sobre o âmbito fonético-fonológico, a influência linguística hispânica recai também sobre o domínio morfossintático da língua barranquenha. Segundo Clements (2009, p. 201, tradução nossa), inclusive, “é na morfossintaxe do barranquenho que encontramos a influência mais reveladora do espanhol”.<sup>10</sup> Traz-se, inicialmente, aqui, o fato de que a variedade mista adotou, em alguns casos, o gênero do castelhano.<sup>11</sup> Vasconcelos (1955, p. 15), pontua que nessa língua minoritária diz-se: “*a çá* (hesp. *la sal*), *a mé* (hesp. *la miel*), *a leti* (hesp. *la leche*), *a çanguí* (hesp. *la sangre*), *a fé* (hesp. *la hiel*), *a narí* (hesp. *la nariz*), *u árbu* (hesp. *el árbol*), *laranju* (hesp. *naranja*)”. Quanto a esse aspecto, Navas Sánchez-Élez (2011) destaca que nem todos os substantivos apresentam uma ligação direta entre o gênero e a terminação, isto é, *-o* para o masculino e *-a* para o feminino. Para a estudiosa, isso se apresenta comum, sobretudo nas línguas românicas e nas variedades fronteiriças da Península Ibérica, uma vez que cada código linguístico estabelece, à sua maneira, um sistema de formação de gêneros.

<sup>9</sup> A queda da consoante líquida [r] é percebida, de igual modo, em algumas variedades linguísticas da língua portuguesa, como no caso do português falado em Nisa e Alpalhão (Cunha e Cintra, 1984). Além disso, pontua-se, aqui, que essa circunstância se sucede também no português brasileiro, no qual há uma tendência para a apócope de [r], sobretudo na oralidade, no que toca ao emprego de verbos no infinitivo. Esse fato foi atestado em diversos estudos (Callou, Leite e Moraes, 1998; Lopes e Callou, 2004; Schwindt e Chaves, 2019), sendo frequente, por exemplo, a realização de [ew´vo ku´me] (eu vou comer).

<sup>10</sup> Do original: “It is in Barranquenho morphosyntax that we find the most revealing influence from Spanish”.

<sup>11</sup> Via de regra, tal como será explorado em uma subseção posterior, a atribuição de gênero do barranquenho se orienta pelo padrão português.

A formação do plural em barranquenho segue, via de regra, a estrutura do português. No entanto, os dialetos meridionais do castelhano possivelmente influenciaram sobre as formas de uso do falar de Barrancos, culminando na não realização de algumas marcas de número em dados constituintes da oração. Nessa direção, Navas Sánchez-Élez (1992) aponta que a influência da variedade andaluz e do espanhol da América provavelmente se refletem na ausência de concordância de número no sintagma nominal do barranquenho, culminando em construções como “[se pu´zerõ uh fa´tiņu δumĩ´gejru] (se puseram os fatinhos dominqueiros)” (Navas Sánchez-Élez, 1992, p. 237), na qual o plural está marcado somente no determinante. Carecem de concordância, portanto, o substantivo e o adjetivo, dado que, tanto em português, quanto em espanhol, o plural se realiza de forma redundante, exigindo a flexão de todos os constituintes do sintagma nominal.

À vista disso, para Navas Sánchez-Élez,

[...] uma vez que os sistemas linguísticos do português e do castelhano exigem que todos os elementos da frase concordem em gênero e número, e considerando que, em ambas as línguas, o plural dos substantivos e adjetivos terminados em vogal se forma pela adição de -s ao singular, nas ocasiões em que a sibilante <s> desaparece, tanto no barranquenho quanto em outros dialetos do castelhano, não se verifica a concordância de número (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 63, tradução nossa).<sup>12</sup>

Ainda no que diz respeito à formação do plural na língua barranquenha, Vasconcelos (1955, p. 18) menciona que a apócope do -s faz surgir substantivos que detêm a mesma forma no singular e no plural: “[um] *xapéu*” e “*cincu xapéu*”; (b) “[uma] *casa*” e “*cincu casa*”. Verifica-se, em tais exemplos, uma queda do morfema de plural nos substantivos, havendo uma simplificação da forma linguisticamente explícita da concordância de número. Em tais casos, como postulado pelo estudioso, as formas plurais e singulares se igualam, operando o numeral com a marcação de número.

A língua barranquenha também parece ter sido influenciada pelo espanhol no que diz respeito ao emprego de determinados verbos. Dada a característica do barranquenho de perder a sibilante em posição final de palavra, caso essa variedade linguística seguisse o paradigma verbal do português, algumas pessoas – em tempos verbais específicos – teriam a mesma conjugação. Trata-se do caso do verbo “ser”, cuja conjugação da 2ª e 3ª pessoa do singular do presente do indicativo seriam as mesmas na condição de falta de realização do <s>: [tu] *é* e [ele/ela] *é*. Desse modo, Navas Sánchez-Élez (2011) comenta que, a fim de evitar a ambiguidade entre essas duas pessoas verbais, possivelmente a língua barranquenha valeu-se da forma espanhola da 2ª pessoa do singular do verbo “ser”, isto é, do *ere(s)*.

<sup>12</sup> Do original: “[...] una vez que el sistema lingüístico portugués y castellano exige que todos los elementos de la frase concuerden en género y número, y visto que en ambas lenguas el plural de los sustantivos y adjetivos, terminados en vocal, se forma añadiendo una -s al singular, en las ocasiones en que la sibilante <s> desaparece tanto en el barranqueño como en otros dialectos del castellano, no se verifica la concordancia de número”.

Quanto a esse mesmo aspecto linguístico, Vasconcelos aponta que

[...] também se esperarão influências [espanholas] isoladas, e uma ocorre e é importante: tu ere ou eri, correspondentemente ao português <tu és>. Surgiu do espanhol tu eres, porque, em barranquenho, caso se quisesse dizer <és>, esta palavra reduzir-se-ia a é, estabelecendo confusão com a 3ª pessoa; confusão essa que se quis evitar (Vasconcelos, 1955, p. 16, tradução nossa).<sup>13</sup>

Ainda no que toca aos elementos verbais, o barranquenho também assimilou do espanhol a forma impessoal “hay”, tal como em “[a´ĩda ´aj ´mũtuh ke ´falα] (ainda há muitos que falam)” e “de toda a vida tenho ouvido dizer que *hai* muitos olivais para aí” (toda a vida ouvi dizer que há muitos olivais por aí) (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 65, tradução nossa). Pontua-se, aqui, que o uso dessa forma verbal se distancia do atual emprego do “há” em português, não obstante o “hay” possa ser considerado, segundo Vasconcelos (1955), um arcaísmo da língua portuguesa. Assim, essa estrutura verbal é também encontrada em variedades faladas em algumas regiões portuguesas, a citar Trás-os-Montes, Algarve e Alentejo (Maia, 1975).

Outra presença de traço verbal do castelhano no barranquenho se trata da construção “estar + gerúndio” em detrimento da forma portuguesa “estar + a + infinitivo”. Para elucidar esse fato, Clements (2009) aponta que a língua mista utiliza comumente a estrutura espanhola para expressar o aspecto progressivo, tal como no dizer “nosotros estamos haciendo el trabajo” (castelhano), em vez de “nós estamos a fazer o trabalho” (português). O autor também evidencia tal circunstância por meio do exemplo de um falante do barranquenho, cuja construção frasal se deu como “me casei tarde, ehtaba já trabalhando”, “nu se si sabi, ondi ehtãu fazendu u cini teatro”, “i minha irmã ehtaba bailandu” (Clements, 2009, p. 201).

Na mesma direção, Navas Sánchez-Élez (2011, p. 68) também aborda esse traço verbal espanhol, declarando a conversão da norma portuguesa em uma nova construção, o que culmina em “nos está vendo”. Para a estudiosa, a referida forma linguística faz-se presente também em algumas variedades do português meridional, bem como no português falado no Brasil. Por outro lado, no que se refere especificamente aos usos do verbo “ir”, o barranquenho segue a construção “ir + a + infinitivo”, uma vez que a preposição “a” se interpõe entre os verbos, sendo esta também a forma de emprego verbal da língua espanhola. Tem-se, assim, “iam *a* lavar”, “e foi a casa duma vizinha *a* ‘preguntar”, “ir *a* podar”, “com licença, vou a dar...”, “isso foi numa altura que foi *a* ver aos pais” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 68, grifo do autor).

Um dos aspectos mais relevantes do castelhano andaluz incorporados no barranquenho se volta ao modo de colocação dos pronomes átonos nas orações, característica analisada de forma pioneira por Navas Sánchez-Élez (1992). Afastando-se da colocação dos pronomes pessoais oblíquos do português europeu, a estudiosa sinaliza que a variedade barranquenha segue, de modo geral, a colocação pronominal do espanhol, como é observável em: “a formiga le disse que sim”; “eles o torravam lá”; “*me* está a perceber?”; “estava estendendo roupa e *le* digo à filha”; “e um dia *le* disse assim”; “ele *se* queria montar na burra” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 69, grifo do autor).

<sup>13</sup> Do original: “[...] também se esperarão influências [hespanholas] avulsas, e uma nos ocorre, e importante: tu ere ou eri, correspondentemente ao português <tu és>. Nasceu do hesp. tu eres, porque, em barranquenho, se quisesse dizer-se <és>, esta palavra reduzir-se-hia a é, e estabelecer-se-hia confusão com a 3ª pessoa, a qual confusão se quis evitar”.

Nota-se, por meio dos exemplos expostos, uma tendência para a próclise, de modo que os pronomes oblíquos de terceira pessoa que têm função de objeto indireto sejam colocados antes dos verbos. Essa tendência contrapõe o padrão de colocação dos clíticos do português, o qual exige a ênclise em orações principais finitas, tais como as apresentadas acima. Tomando por base o exemplo citado por Navas Sánchez-Élez (2011), em vez da construção barranquenha “a formiga le disse que sim”, no português-padrão ter-se-ia a construção “a formiga disse-lhe que sim”. Nota-se, portanto, que o barranquenho incorporou o traço andaluz, empregando os pronomes de forma antecedente aos verbos.

Corroborando esse fato, o estudo de Clements (2009) evidencia que, em um *corpus* contendo 22 falantes do barranquenho, observou-se uma tendência geral de colocação dos clíticos seguindo o padrão espanhol. Categoricamente, todos os informantes utilizaram os clíticos de objeto indireto de terceira pessoa de maneira proclítica, o que é passível de observação nos seguintes exemplos: “le conté a meu pai” (lhe contei a meu pai), “i u le disse asi au outro” (e um lhe disse assim a outro), “i eu lhe disse à rapariga” (e eu lhe disse à moça) e “i lhe pedi a uma colega minha” (e lhe pedi a uma colega minha) (Clements, 2009, p. 202, tradução nossa). Verifica-se, nos casos expostos que, para além da duplicação do objeto indireto e do emprego da próclise, em algumas ocorrências os falantes do barranquenho adotaram a forma clítica espanhola “le” em desfavor de “lhe” (forma portuguesa).

Por fim, ainda no que concerne à colocação dos pronomes, Navas Sánchez-Élez (1992, 2011) aponta a existência de uma variação, atravessada por um uso dos clíticos que não reflete a norma-padrão do espanhol, mas sim uma variante empregada por falantes menos escolarizados. Em tais casos, a colocação do pronome complementa a 1ª pessoa “me” antes do pronome da 3ª pessoa “se”, culminando em construções como: “logo *me se* passa”, “*me se* saem as canas”, “*me se* mete na cabeça”, “*se me* partiu uma perna de aqui a aqui”, “o que quero é que ela não *me se* tire” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 69, grifo do autor). Nessas ocorrências específicas, a ordem clítica pronominal destoa da variedade mais prestigiada socialmente do espanhol andaluz.

### 3.3 A influência linguística do português sobre o barranquenho: domínio fonético-fonológico

Para além da influência espanhola sobre o domínio fonético-fonológico do falar de Barrancos, o português europeu de igual modo incorporou alguns traços neste nível linguístico da variedade minoritária. No que se refere aos elementos vocálicos, Navas Sánchez-Élez (2011, p. 52) destaca que as vogais tônicas orais seguem, via de regra, a norma portuguesa: aquilo [a´kɪlu]; vezes [´Bezəh]; festa [´fɛʃtɔ]; acolhedor [akule´dor]; logo [´lyu]; curso [´kursu].

Em relação às vogais átonas <e>, <a>, <o>, para uma variação: por vezes, elas são elevadas como no português; por outras, elas não se elevam, assemelhando-se à pronúncia espanhola.<sup>14</sup> Essa variação se dá até mesmo de modo intraindividual, tendo Vasconcelos (1955, p. 40), no que se refere ao <e> átono em final de palavra, salientado que “[...] um mesmo indivíduo ora diz *tome* ou *tomi*, quando está conversando. A tendência, porém, parece ser mais para -i”. O estudioso também pontua que, sendo essa pronúncia facultativa, ora como [e], ora como [i], ela é também encontrada em outros sítios do Alentejo, revelando-se como um fenómeno que não se sucede na língua estremenha hispânica.

<sup>14</sup> Tal fato está exposto na subseção que trata da influência castelhana sobre o domínio fonológico barranquenho.

Dessa forma, nota-se que no barranquenho essa vogal, quando destituída de acento tônico, pende para uma frequente articulação como [i], favorecendo realizações fonológicas como [ka'torzi] (catorze) e em “[’komu ’fazih δə ’nojti?’] (como fazes de noite?)” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 52). Em consonância com esse fato, Clements (2009, p. 199, tradução nossa) anuncia que a elevação de [i] a partir de /e/ é um fenômeno regional do português falado no entorno de Barrancos, sendo ele responsável pela produção, por exemplo, de “alguma bezi tibi em São Marcu da Ataboêra” (algumas vezes estive em São Marcos da Ataboêra).

À vista dessa circunstância, Martins (1985) indica que a pronúncia de /e/ como [i] apresenta o primeiro momento de elevação vocálica no português europeu, de maneira que essa realização de [i] se configure como uma etapa intermediária entre a forma [e] (mais antiga) e a forma [ə] (mais recente). Diante disso, nota-se que a transição de realização fonológica da vogal átona em questão sinaliza um processo evolutivo do barranquenho, o qual vem se dando de modo gradual ao longo dos últimos séculos.

Indo em direção aos ditongos, segundo Navas Sánchez-Élez (2011, p. 53), eles se orientam pela estrutura do português-padrão, não obstante o ditongo <ei> siga a tendência dos chamados dialetos meridionais portugueses: ora sua realização se dá como “sei” [sej], ora ocorre uma monotongação como em “pedreiro [pə’dreru]”, “primeiro passou [pri’meru pa’so]” e “e te podes morrer queimado [i te ’pðəh mu’rer ke’madu]”. Vasconcelos (1955, p. 41-42, grifo do autor) destaca alguns contextos nos quais ocorre a monotongação de <ei>: “ei em meio de palavra torna-se ê: *Janêru, êra, primêru* ou *premêru, Almêda, [...]* *pêtu*, à mão *derêta, rehêtu*. E geralmente no fim: *çê* (sei); contudo ouvi muitas vezes *rei*, e raramente *rê* [...]. Antes de vogal: *çêa* (ceia) [...]. Antes de j e x: *bêju, quêju, igrêja, dêxa* (deixar)”. Consoante Cintra (1958), essa tendência à monotongação está datada na variedade linguística de Portugal já na segunda metade do século XVIII, de modo a revelar um processo de simplificação linguística através da redução de um ditongo a um segmento vocálico.

No que se refere ao pronome do caso reto “eu” (1ª pessoa do singular) e aos pronomes possessivos “meu”, “teu” e “seu”, há a possibilidade de que sejam apocopados, realizando-se, respectivamente, como [e], [me], [te], [se]. Vasconcelos (1955, p. 56) declara que a tendência para a perda da vogal final dos pronomes se dá quando estes estão em uma posição proclítica. Nesse sentido, no caso do “eu”, ocorre a apócope quando o pronome está em próclise, tal como em “ê bô” (eu vou), não ocorrendo a omissão da vogal quando da posição do pronome em ênclise, como em “ficu eu” (fico eu), além da presença do “eu” antes de vogal em palavra seguinte, como em “eu andu” (eu ando). O pesquisador de igual modo pontua que isso se sucede com o pronome possessivo “meu” que, em próclise, se realiza como “mê pai” e, em ênclise, como “pai meu” (Vasconcelos, 1955, p. 58).

Nesse sentido, o estudioso também sinaliza que os pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e indefinidos do barranquenho se distanciam de suas respectivas realizações em espanhol. Por esse motivo, filiam-se ao português: [e] (eu) distancia-se de “yo”; [me] (meu) distancia-se de “mio, mi, mios, mis”; [te] (teu) distancia-se de “tuyo, tu, tuyos, tus”; [se] (seu) distancia-se de “suyo, su, suyos, sus”; “àrgum” (algum) distancia-se de “alguno”; “ninhum” (nenhum) distancia-se de “ninguno”; “ninguêi” distancia-se de “nadie” (Vasconcelos, 1955, p. 24). Decorre, tal como observável, uma similaridade nas estruturas pronominais da variedade mista e da língua portuguesa, de forma a haver uma correspondência nas formas de ambos os sistemas linguísticos.

A influência do português *standard* recai sobre o barranquenho no que concerne à realização fonológica das vogais nasais em posição tônica e pretônica, cujas realizações se dão como “brincar [bríˈkar], então [ẽˈtãw̃]; onde [ˈõdi]; juntaram [jũˈtarõ]” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 53). Em relação aos ditongos nasais, esses são também passíveis de se realizar como na variedade normativa, produzindo, por exemplo, “*não* [nãw̃]” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 53). Contudo, as terminações *-am* e *-em* (ambas em final de vocábulo), bem como *-en-* no interior de palavra, consoante a estudiosa, possivelmente se dão de acordo com os dialetos portugueses. Desse modo, tais terminações realizam-se como “podem [ˈpoðẽ]”, sendo suscetíveis, também, de serem monotongadas em [α], [ẽ], [ĩ] e [õ], culminando em “foram [ˈforã], nem [nẽ] e fizeram [fiˈzẽrõ]” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 53). Outrossim, essas terminações podem, ainda, perder sua nasalidade, de modo que sejam pronunciadas como segmentos orais: “homem [ˈomə]” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 53).

Vasconcelos (1955) aponta outros traços do barranquenho que se aproximam da língua portuguesa e, destarte, diferem do espanhol. Para o estudioso, “a síncope que frequentemente se dá de *d* intervocálico em hespanhol moderno, *soldao*, não se dá em barranquenho: *soldadu*, não *soldao*, nem *soldau*” (Vasconcelos, 1955, p. 19). Sob essa premissa, nota-se que a tendência do sistema castelhano de realizar uma supressão de [d] quando de sua posição entre vogais destoa do que ocorre na língua barranquenha, uma vez que essa variedade minoritária mantém o segmento consonantal, preservando, nesse caso, um traço fonológico do português.

No que toca à pronúncia de alguns vocábulos inerentes ao barranquenho, Vasconcelos (1955, p. 18-19) elucida o quanto a língua mista apresenta uma semelhança vocabular com o português, expondo que “às palavras portuguesas *terra, corpo, chão, chamar, oito, má, mão, ano, cavalo* correspondem em hespanhol *tierra, cuerpo, llano, llamar, ocho, mala, mano, año, caballo*, por efeito de leis gerais que regulam as relações dêstes dois idiomas com o latim”. De fato, verifica-se uma evidente correspondência entre palavras do português e do barranquenho, dado que, por exemplo, ambas as variedades linguísticas não ditongam as vogais como o espanhol o faz (*tierra, cuerpo*), não conservam [l] e [n] (*mala, mano*), e não realizam no início das palavras dos exemplos apresentados o que o autor representou graficamente por <ll>. O linguista pontua que os referidos termos portugueses são, ao mesmo tempo, palavras barranquenhos, o que denota, nas palavras do estudioso, uma “antinomia barranquenho-hespanhola” (Vasconcelos, 1955, p. 19).

A variedade mista em análise também assimilou da língua portuguesa a realização do tepe [r], em detrimento da lateral [l], não obstante em situações informais esse fenômeno ocorra também no castelhano (Banza, 2024).<sup>15</sup> A estudiosa salienta que, tanto em coda quanto em ataque, testemunha-se “a ocorrência de algumas trocas entre [l] e [r] – que são comuns em diferentes momentos históricos da língua portuguesa e, sincronicamente, nas variedades orais e populares – por exemplo em “volta”, pronunciado como [ˈβortẽ], ou “úlceras”, pronunciado como [ˈursire]” (Banza, 2024, p. 25). Percebe-se, daí, um rotacismo, pautado por uma troca entre as consoantes líquidas, dado que, onde se esperaria uma lateral, tem-se a realização de [r].

<sup>15</sup> No português brasileiro, esse fenômeno se faz também presente, sendo, consoante Costa (2006), motivado sobretudo por ambientes de ataque complexo (variável linguística), bem como pela faixa etária, pelo nível de escolaridade e pelo gênero/sexo dos informantes (variáveis sociais).

Quanto a esse mesmo traço fonológico, Vasconcelos (1955, p. 44-45) apresenta uma lista de grupos consonantais nos quais o segundo elemento consonântico é uma líquida, favorecendo, portanto, “mudanças de *l* em *r*”. São eles: LT: *farta* (falta); LD: *cardêru* (caldeiro); LQ, LC: *quarquê* e *carquê* (qualquer); *árcu* (álcool); LÇ, LS: *carça* (calça), *bôrçu* (bôlso); LG: *àrgúm* (algun); LP: *gorpe* (golpe); LB: *tarbê* (talvez); LV: *burbê* (volver); LM: *arma* (alma); LT: *fartá* (faltar); CR: *cleme* (creme); DM: *almiradu* (admirado); SD: *bôr dia*, *bôs dias* (bom dia, bons dias); RD: *côl dê roza* (côr de rosa); RL: *Calru* (Carlos) (Vasconcelos, 1955, p. 44-45).

### 3.4 A influência linguística do português sobre o barranquenho: Domínio morfossintático

A influência da língua portuguesa sobre o barranquenho se estende também ao domínio morfossintático da variedade minoritária. Contudo, dado que uma ampla gama de traços morfossintáticos inerentes à língua barranquenha foi assimilada do espanhol – tal como exposto na subseção anterior –, tem-se o fato de a incorporação de aspectos do português nesse nível linguístico não se revelar tão extensiva.

Para Vasconcelos (1955), a variedade mista em análise apresenta um caráter português no que diz respeito às flexões de grau dos substantivos, isto é, às estruturas de aumentativo e diminutivo. O estudioso aponta, em relação aos aumentativos, que “*ratão* é rato grande; *mulhêrôna* tem a significação usual. Não posso dizer se os aumentativos em *-ão* são muito frequentes” (Vasconcelos, 1955, p. 20). Sob esse entendimento, o linguista atribui o emprego dos sufixos *-ão* e *-ona* ao sistema português, delineando uma semelhança entre esta língua e o barranquenho no que toca ao uso desses afixos para a construção do grau aumentativo. No entanto, nota-se uma incerteza do autor quanto à frequência de uso do *-ão*, traço que parece carecer, ainda atualmente, de uma investigação mais aprofundada. Tal imprecisão explicativa levanta uma questão: seria esse aumentativo um padrão de uso no barranquenho ou se trata de um emprego esporádico encontrado nos dados de fala coletados pelo pesquisador?

Quanto aos diminutivos, aparenta ser mais tangível a influência do português no falar de Barrancos. Vasconcelos (1955) destaca que o sufixo *-inh-* advém do antigo sistema linguístico da língua portuguesa, sendo essa variedade precedente à influência castelhana:

Deminutivos em *-inh-*, antigos, são *Coitadinha*, nome de uma herdade, de coitada ou «*coutada*», e *Fontainhas*, nome de um sítio (do portug. arc. *fontã*, lat. = *fontana*). Estes dois deminutivos, por serem topónimos enraizados, mostram serem restos do antigo português de Nóudar, ou de Barrancos, anteriores à influência hespanhola. Todavia há outros deminutivos em *-inh-*, como em português usual: *bacurinho* (*bacurinho*), *coitadinhu!* *pobrezinhu!* *gatinhu*, *pertinhu* (advérbio) (Vasconcelos, 1955, p. 20).

Além disso, ainda no que respeita ao grau diminutivo, segundo Navas Sánchez-Élez (2011), alguns nomes no diminutivo são construídos com a desinência *-ito*, seguindo os vestígios do português arcaico, bem como de certas variedades portuguesas meridionais, de modo que se tenha, por exemplo, “*canito*” e “*granito*”. Vasconcelos (1955, p. 20), por outro lado, declara que o sufixo *-ito* é suscetível de ter sido assimilado do espanhol, indicando que “em *farrajalitu*, de «*ferragial*», pode o *ito* ser aqui de influência hespanhola; *canito*, como em hespanhol, é diminutivo que se ouve muito no Alentejo”. Quanto a esse aspecto, Cintra (1983)

ampara o uso do sufixo *-ito* como uma marca do português, sinalizando que a manutenção de *-n-* intervocálico nesse fenômeno configura um arcaísmo nas zonas do sul de Portugal, sendo remanescente da língua moçárabe – “conjunto de dialetos de base latina, aumentada de elementos árabes, falado pelas comunidades cristãs durante a dominação muçulmânica na Península Ibérica” (Mansur Guérios, 1956, p. 123).

Vasconcelos (1955) revela que é também notável a influência do português sobre a marcação de número do barranquenho. Segundo o estudioso, a formação do plural barranquenho se baseia, de forma geral, em termos provenientes do português que são acometidos por uma perda do *-s* final (ou por substituição dele por *h*, sendo essa aspiração influência espanhola, tal como já explorado previamente). Focalizando aqui somente o caso da influência portuguesa, explicita-se alguns dos exemplos apresentados pelo autor: a partir de *pá* (paz), tem-se *pázi* (pt. pazes); de *má* (mar), tem-se *mári* (pt. mares); de *pecadô* (pecador), tem-se *pecadôri* (pecadores); de *mulhé* (mulher), tem-se *mulhévi* (pt. mulheres); e de *iguá* (igual), tem-se *iguai* (pt. iguais) (Vasconcelos, 1955, p. 52-53).

Navas Sánchez-Élez (2011), por sua vez, ressalta que o plural na língua de Barrancos segue, regularmente, a norma-padrão da língua portuguesa. A linguista, no entanto, aponta que se faz possível, também, que a flexão de número se dê de acordo com as variedades não padrão do português, o que desemboca na realização, por exemplo, de *catalões* (em vez de *catalães*) e *irmões* (em vez de *irmãos*) (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 63). Fato é que, independentemente da análise específica de cada um dos estudiosos, ambos estão em consonância quanto à orientação da flexão de número do barranquenho pelos traços do português. À vista disso, a influência castelhana no plural da língua mista parece se restringir, no nível da palavra, à aspiração do *h* em contexto de final de vocábulo e, no nível da frase, à ausência de concordância de número no sintagma nominal – circunstância explorada na subseção anterior.

A assimilação de aspectos morfológicos da variedade portuguesa também recai sobre o barranquenho no que toca à flexão de gênero dos substantivos e adjetivos. Segundo Vasconcelos (1955, p. 50), a atribuição de gênero aos substantivos da língua barranquenha se dá, via de regra, como em português: “*lôbu, loba*”, “*Juão, Juana*” (Vasconcelos, 1955, p. 50); “*furão, furoa* (contrapostos ao espanhol *hurón-hurona*)”; “*bõ-boa* ou *bõa* (contrapostos a *bueno-buena*)” (Vasconcelos, 1955, p. 20). O mesmo transcorre no que respeita ao gênero dos adjetivos: “*santu, santa*” (Vasconcelos, 1955, p. 51), havendo, também, “flexão ao mesmo tempo interna e externa, como em português: *môrnú* (mascul.) e *mórna* (fem.); *u pôrcu*, fem.: *a pórcá*” (Vasconcelos, 1955, p. 52).

No que se refere aos aspectos verbais, cabe aqui pontuar que Vasconcelos (1955) declara que, ainda que o castelhano atue demasiadamente sobre as formas de conjugação verbal barranquenhas, esse aspecto linguístico nem sempre opera sob a influência espanhola:

a) À semelhança que tem a conjugação barranquenha com a hespanhola [...] responde por outro lado o barranquenho com diferenças essenciais, tais como: falta de ditongação em muitas formas verbais, por exemplo: barranquenho *-érom* (nos pretéritos), oposto a hesp. *-ieron*; barranquenho *açerto*, oposto a hesp. *acierto*; [...] barranquenho *bôrbu*, de borbê (volver), oposto a hesp. *vuelvo*. Não são apenas diferenças avulsas, são diferenças que formam séries, e que portanto são íntimas (Vasconcelos, 1955, p. 25).

Diante dessa premissa, verifica-se que os exemplos trazidos pelo autor não se constituem como aleatoriedades, tampouco como fatos isolados, mas, sim, como um processo de estruturação da conjugação dos verbos que, nesses casos, destoa nos sistemas linguísticos barranquenho e castelhano. O pesquisador complementa seu dizer, mencionando que “diferença essencialíssima está também na não existência de pretéritos fortes em -o no barranquenho [...], ao contrário do que acontece em hespanhol” (Vasconcelos, 1955, p. 25). No intuito de embasar sua explicação, traz uma lista de exemplos de verbos conjugados na 3ª pessoa do singular, evidenciando as disparidades entre as formas verbais da variedade minoritária e da língua espanhola: *tem-se côbi* (coube) em barranquenho, oposto a *cupo* (espanhol); *çôbi* (soube) oposto a *supo*; *fê* (fez), oposto a *hizo*; *pôde* ou *pôdi* (pôde), oposto a *pudo*; *qui* (quis), oposto a *quiso*; *tebe* ou *tebi* (teve), oposto a *tuvo*; *trôci* (trouxe), oposto a *trajo* etc. Nota-se, desse modo, que o barranquenho não apresenta uma desinência verbal de 3ª pessoa do pretérito perfeito em -o, assemelhando-se, evidentemente, à forma do passado em português, no que toca especificamente à conjugação dessa pessoa e desse tempo verbal em enfoque.

### 3.5 Os elementos específicos do barranquenho

O hibridismo linguístico intrínseco ao barranquenho desvela uma constituição por vias de uma mescla: tem-se uma fusão de traços das línguas espanhola e portuguesa. Nesse entre-meu, além de assimilar aspectos já existentes em ambos os códigos que o originaram, o falar de Barrancos também se transformou ao longo dos anos, de modo a apresentar traços originais. Para Navas Sánchez-Élez (2011), o barranquenho é original no que toca ao uso de um pronome pessoal do caso reto: o “vocedes” (3ª pessoa do plural), tal como na construção “vocedes a viram”. Segundo a estudiosa, o uso de tal forma pronominal se faz frequente na fala dos falantes de barranquenho de todas as idades, tendo esse aspecto linguístico possivelmente provindo do pronome espanhol “ustedes” – em detrimento do pronome “vocês” do português.

Quanto ao “vocês” da língua portuguesa, a pesquisadora destaca que sua conjugação se dá, em termos de concordância verbal, frequentemente, de acordo com a 3ª pessoa do plural, ainda que ocupe o lugar 2ª pessoa do plural (“vós”, no português normativo; “vosotros” no espanhol). Funcionamento semelhante tem o “vocedes” no barranquenho, sendo ele também usado para se referir diretamente a um grupo, na condição semântica de 2ª pessoa do plural, não obstante seja tratado, gramaticalmente, como 3ª pessoa do plural. Diante disso, nota-se uma inter-relação entre a variedade mista e as línguas românicas, já que esse emprego pronominal se faz presente também em demais sistemas linguísticos.

Navas Sánchez-Élez (2011) complementa sua análise apontando que o uso de “vocedes” pertence, de igual modo, à norma linguística do galego. Nessa perspectiva, tem-se o fato de que, ainda que alguns elementos da língua galega já se esvaíram da língua portuguesa, eles continuam subsistindo na variedade barranquenha. Trata-se, segundo Navas Sánchez-Élez (2011, p. 65), do caso do pronome pessoal complemento de 1ª pessoa do plural “com nós”, tal como observável em: “[sə u sə ˈɲor ˈke ˈi kɔsar kō ˈnɔh] (se o senhor quer ir caçar ‘com nós’)”. Sendo essa expressão utilizada com regularidade em Barrancos, ela se contrapõe às realizações portuguesa “connosco”<sup>16</sup> e espanhola “con nosotros”. Segundo Zamona Vicente

<sup>16</sup> O uso de “com nós” é recorrente, também, no português falado no Brasil, sobretudo em contextos informais de interação na modalidade oral da língua.

(1970 *apud* Navas Sánchez-Élez, 1992, p. 241), o emprego de “com nós” se sucede nos falares utilizados na cidade de Miranda do Ouro (Portugal), bem como nas demais zonas próprias da província autônoma de Leão (Espanha) e, portanto, é considerado um arcaísmo.

Um traço de teor inédito característico da língua barranquenha trata, consoante Navas Sánchez-Élez (1992, p. 241), do uso das formas pronominais contraídas de 3ª pessoa, tanto do gênero masculino quanto do feminino, sendo elas respectivamente “so” e “sa” – e seus correspondentes plurais. Tais formas aparentam ter provindo de uma fusão dos pronomes do português e do espanhol, cuja exposição de exemplos se faz necessária, a fim de que se compreenda o funcionamento de tais usos pronominais inéditos do barranquenho. Para Navas Sánchez-Élez (2011, p. 65), na língua portuguesa, o paradigma dos pronomes pessoais átonos contraídos se funda na junção do pronome complemento indireto “lhe” com os pronomes complementos diretos “o” ou “a”, culminando, assim, em “lho” e “lha” (e suas formas plurais): “entregaste-lho?”. Quanto ao espanhol, a estudiosa pontua que o paradigma pronominal se estruturou a partir do pronome complemento indireto “le” que, para evitar cacofonia, se transformou em “se”, sendo essa forma combinada com os pronomes complemento diretos “lo” e “la”: “¿se lo entregaste?” (Vázquez Cuesta; Mendes da Luz, 1971, v. II, p. 44 *apud* Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 65).

Diante de tais usos pronominais, cada qual estruturado de acordo com os paradigmas inerentes aos sistemas linguísticos português e espanhol, Navas Sánchez-Élez (1997, 2011) evidencia que o barranquenho desenvolveu uma solução intermediária: a mescla das construções de ambos os códigos linguísticos. Essa circunstância pode ser verificada, por exemplo, no dizer “[´umah ´γota ´para a ka´βesa \_\_ tã´bẽj \_\_ sah le´βo a ´miŋa ´fiŋa] (umas gotas para a cabeça, também sas levou a minha filha)” (Navas Sánchez-Élez, 2011, p. 65). Mediante esse pronome híbrido, Cintra (1986) revela a possibilidade de ele ser um arcaísmo, dado que se encontra registrado em um dos manuscritos mais antigos escritos em português, ainda no século XIII: o *Notícia de Torto*.

Na presente seção, buscou-se elucidar os elementos do barranquenho que, segundo os aportes teóricos dos estudos analisados, se configuram como dotados de originalidade. Dessa forma, o caráter de singularidade dessa língua mista reside nos usos peculiares de novas formas linguísticas,<sup>17</sup> para além da assimilação de traços já existentes nas variedades espanhola e portuguesa. Quer se trate de formas totalmente inéditas ou de formas arcaicas ainda prevalentes em sua organização linguística, fato é que a língua barranquenha apresenta uma complexidade sistêmica, o que elucidada sua natureza carregada de propriedades particulares e distintas.

---

<sup>17</sup> O enfoque do presente trabalho não recai sobre o aspecto lexical do barranquenho; no entanto, torna-se válido apresentar formas vocabulares registradas somente nessa língua, observadas por Navas Sánchez-Élez (1992, p. 243): (a) objetos: alcofifa (pano de chão); hanquinha (mesa de cabeceira); (b) plantas: barração (rabaça); (c) ações: sampulhir-se (entrar sem pedir permissão); (d) doença: piquinhas (coceira); (e) profissão: patero (guarda de um “monte”); moço grave (mensageiro); (f) expressão típica: barranquenhada (expressão característica de Barrancos).

## 4 Considerações finais

O barranquenho se delinea por entre a coexistência de aspectos das línguas portuguesa e espanhola que, tendo se imbricado, constituíram uma variedade linguística peculiar. Através da exposição detalhada, ao longo do presente artigo, dos traços hispânico-portugueses incorporados nos domínios fonético-fonológico e morfossintático desse sistema misto, buscou-se explicitar os aspectos de tais códigos que foram assimilados pela variedade minoritária.

Por meio desse processo, tornou-se viável observar a existência de uma variabilidade intrínseca ao barranquenho. Tal condição reflete sua natureza heterogênea, atravessada pela convivência de diferentes formas de pronúncia dos vocábulos e de organização de seus enunciados. Fez-se factível notar que determinados traços ora pendem para uma maior influência do português, ora do espanhol; não obstante, em alguns casos, padrões tidos como castelhanos condizem, de igual modo, a algumas formas arcaicas da língua portuguesa ainda existentes nos dialetos portugueses meridionais. Tem-se, destarte, uma variação sistemática ordenada, de teor intralinguístico, imbuída nesses diferentes modos de dizer.

Outrossim, a variação linguística se estende, também, ao nível dos indivíduos, pairando a possibilidade de um mesmo falante produzir, em sua fala, traços específicos advindos tanto da variedade espanhola quanto da portuguesa. Nessa perspectiva, as formas de uso da língua a desvelam como um meio dinâmico de interação que, a depender de uma série de variáveis intra e extralinguísticas, oportunizam formas de expressão múltiplas e plurais.

Pensar sobre a formação diacrônica do barranquenho implica considerar as nuances geográficas, históricas, culturais e políticas imbuídas em sua dinâmica de constituição linguística. Barrancos se desenvolveu sobre as linhas de uma idiosincrasia: frente ao hibridismo hispânico-português, delineou-se uma nova comunidade, uma nova população, uma nova língua. Posto isso, não se torna possível tomar o falar de Barrancos como sendo uma ou outra das variedades que o constituíram, isto é, o português centro-meridional ou o castelhano meridional estremenho/andaluz. O barranquenho é um sistema que se concebeu através de um hibridismo que, se convergindo, engendrou um código ímpar.

Nessa direção, a variedade barranquenha, assim como toda e qualquer língua, transcende seu caráter puramente linguístico, pautado por uma função meramente comunicativa, de maneira que esse sistema seja parte constitutiva das trajetórias de vida de seus falantes. Estes sujeitos, tendo o barranquenho como língua materna, foram por ele subjetivados. Portanto, essa gente barranquenha abriga, em seu âmago, a diversidade. Trata-se de uma população que carrega, em si, a própria fronteira: são indivíduos entre-línguas, entre-culturas, entre-histórias. Indivíduos que estão no limiar de alteridades e que, portanto, são um povo de (entre)meio, em um espaço fronteiro que simbolicamente rompeu com as divisões do que se concebe por nação.

Diante da conjuntura político-social atual da variedade mista sobre a qual o presente artigo se debruçou, nos resta torcer para que as políticas linguísticas envolvendo o barranquenho ajam a favor de sua manutenção, de seu reconhecimento e de sua valorização. Espera-se, assim, uma nova postura atitudinal diante desse sistema linguístico de inestimável valor, de modo que se transgrida a inércia que por tanto tempo deslegitimou a variedade barranquenha enquanto língua. Essa abordagem possivelmente inviabilizará – ou, pelo menos, postergará – seu desaparecimento do cenário linguístico da Península Ibérica. Afinal,

o barranquenho caracteriza um patrimônio imaterial que estruturou uma coletividade, por meio do contato multissecular de duas línguas românicas. Ele não é meio-termo, nem variação destas variedades: é língua-outra, nascida da fusão, da mescla, da integração, da conexão. Ele é fluido, em sua própria autonomia e em sua própria variabilidade. Ele é afetividade, memória, pertencimento, resistência. Ele é um todo-uno que, tendo entrelaçado as vozes portuguesa e espanhola, pulsa com uma identidade singular. Ele ressoa, de forma viva, em Barrancos, que, tendo dado condições para sua existência, se constitui como seu espaço-lar.

## Referências

ALTENHOFEN, C. V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C. *et al.* (org.). Política e políticas linguísticas. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 93-116, 2013.

BANZA, A. P. Realização das consoantes líquidas em posição implosiva no barranquenho. In: Merlan, A.; Schäfer-Prieb, B. (org.). *Randromania im Fokus: gesprochenes Rumänisch, Portugiesisch und Galicisch*. Berlin u.a.: Peter Lang, 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/37148>. Acesso em: 14 abr. 2025.

BARRANCOS. Município de Barrancos, Divisão de Acção Sociocultural. *Classificação do Dialecto Barranquenho: Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal*. Deliberação n.º 12/AM/2008, 20 jun. 2008. Disponível em: [https://cm-barrancos.pt/upload\\_files/1/3/Classifica%C3%A7%C3%A3o%20Dialecto%20Barranquenho%20PCIM%20\(v%20final\).pdf](https://cm-barrancos.pt/upload_files/1/3/Classifica%C3%A7%C3%A3o%20Dialecto%20Barranquenho%20PCIM%20(v%20final).pdf). Acesso em: 28 mar. 2025.

BARRANCOS. Município de Barrancos. A Vila, Barrancos, 2025. Disponível em: <https://cm-barrancos.pt/211/a-vila>. Acesso em: 14 fev. 2025.

CINTRA, L. F. Os ditongos decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrónico e diacrónico. In: *Anais do Primeiro Simposio de Filologia*. Rio de Janeiro, 1958. p. 115-134.

CINTRA, L. F. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

CINTRA, L. F. Sobre o mais antigo texto não-literário português: A Notícia de Torto. *Boletim de Filologia*, Lisboa, t. 31, p. 21-77, 1986.

CLEMENTS, J. C. Barranquenho. In: CLEMENTS, J. C. *The Linguistic Legacy of Spanish and Portuguese: Colonial Expansion and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 190-209, 2009.

COELHO, I. *et al.* *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, L. T. *Estudo do rotacismo: variação entre as consoantes líquidas*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8036>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 1984.

FRANCO, N. *O porquê de Barrancos: A cultura, a história, os touros, o direito*. 2. ed. Barrancos: Município de Barrancos, 2005.

GOLOVKO, E. V. Language Contact and Group Identity: The role of ‘folk’ linguistic engineering. In: MATRAS, Y.; BAKKER, B. (ed.). *The Mixed Language Debate: Theoretical and Empirical Advances*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 177-208, 2003.

GONÇALVES, M. F. Reflexões sobre política e planificação linguística de uma língua minoritária e ameaçada: o barranquenho. In: GONÇALVES, M. F.; NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V. (org.). *O barranquenho como língua de contacto no contexto românico*. Lisboa: Edições Colibri, p. 193-220, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/31152>. Acesso em: 16 mar. 2025.

MAIA, C. A. *Os falares do Algarve* (Inovação e Conservação). Coimbra: Instituto de Estudos Românicos, 1975.

MANSUR GUÉRIOS, R. F. O Romanço Moçarábico Lusitano. *Revista Letras*, [s. l.], v. 5, 1956. DOI: <https://doi.org/10.5380/rel.v5i0.20035>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20035>. Acesso em: 19 mar. 2025.

MARTINS, A. M. *Elementos para um comentário linguístico do Testamento de Afonso II* (1214). Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1985. Trabalho inédito.

METZELTIN, M. *Las lenguas románicas estándar: historia de su formación y de su uso*. Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana: Llibrería Lingüística, 2005.

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V.; GONÇALVES, M. F. Caracterização e problemas atuais do barranquenho: contribuições para uma política de revitalização. *Estudos de Linguística Galega*, v. 12, p. 179-199, 30 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15304/elg.12.6040>.

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V.; GONÇALVES, M. F. La codificación de una lengua oral: problemas e hipótesis. In: ANTONELLI, R., Glessgen, M.; VIDESOTT, P. (ed.). *Atti del XXVIII Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanze*. v. II. Strasbourg: ELiPHi-Éditions de Linguistique et Philologie, p. 1427-1438, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/23463>. Acesso em: 10 jan. 2025.

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V. *El barranquenho: un modelo de lenguas en contacto*. Madrid: Editorial Complutense/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2011.

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V. El barranquenho: un modelo de lenguas en contacto. *Revista de Filología Románica*, p. 225-246, 1992.

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ. Factores lingüísticos y extralingüísticos que determinan la alternancia de las variantes de -s/ en un dialecto luso-español, el barranquenho. *Revista de Filología Románica*, v. 14, n. 1, p. 391-410, s.d.

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V. *O barranquenho, língua, cultura e tradição*. Lisboa: Colibri. 2017.

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, M. V.; GONÇALVES, M. F.; THEMUDO BARATA, F. Notícia sobre o barranquenho, língua ameaçada: processos de formalização e preservação. *Estudis Romànics*, Institut d'Estudis Catalans, v. 43, p. 341-351, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/30076>. Acesso em: 9 mar. 2025.

PORTUGAL. Lei nº 97/2021, de 30 de dezembro de 2021. *Reconhecimento e proteção do barranquenho e da sua identidade cultural*. Diário da República, 1.ª série, n. 252, p. 3-4, 20 dez. 2021. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/97-2021-176800370>. Acesso em: 5 jan. 2025.

VASCONCELOS, J. L. *Filologia barranquenha*. Apontamentos para o seu estudo. Ed. fac-sim. Lisboa: Imprensa Nacional, 1955.

WEINREICH, U. *Languages in contact*. The Hague: Mouton, 1953.